TL3299
CIDAC 000
Centro de Documentação
-8. JAN 1985

FRENTE REVOLUCIONARIA DE TIMOR-LESTE INDEPENDENTE

(REVOLUTIONARY FRONT FOR AN INDEPENDENT EAST TIMOR)

FRETILIN

TEXTO PARA O PROGRAMA DA BBC

BALANÇO DE 1984

O ano de 1984 que está prestes a findar, foi para o Povo de Timor-Leste, um período de luta intensa contra o ocupante e agressor indonésio e pela defesa do seu direito à auto-determinação e Independência.

Ela foi a resposta da FRETILIN aos falcões militares de Jakarta, liderados por Beni Murdani, que teimaram ao longo deste ano, na via de guerra total para o esmagamento da FRETILIN. Para a concretização deste objectivo, Murdani enviou primeiramente 20 batalhões que foram reforçados ao longo do primeiro trimestre com mais 5 batalhões (741, 742, 743, Marinir 5 e RPKAD). Seguidamente, ordenou a mobilização geral da população civil, do sexo masculino, dos 15 aos 60 anos, para marcharem à frente do exército invasor, nas suas operações de cerco às forças da FRETILIN. Estas operações tiveram lugar nos meses de Janeiro/Fevereiro, Abril/Maio e Agosto/Setembro/Outubro, cobrindo regiões do Centro-Sul, Centro-Leste e Centro-Norte. O exército indonésio optou, por conseguinte, na estratégia de terra queimada, envolvendo Caças Bronco e Tiger, barcos, canhões, morteiros, helicópteros apetrechados de bazukas e rokets.

A FRETILIN não se remeteu passivamente à defesa como Beni Murdani supunha. Os guerrilheiros dirigiram vários ataques contra as posições indonésias em Tutuala, Lospalos, Loré, Luro (Ponta Leste), Uato Karbau, Kelikai, Uato Lari, Vemasse, Laleia, Kribas, Natar Bora, Ainaro, Same, Alas, Soibada, Ossú, Laclúbar e Turiskai (localidades das regiões Centrais). Atacando em várias frentes e em simúltâneo, os guerrilheiros imobilizaram a máquina de guerra do agressor e os resultados das várias ofensivas, no dizer do Comandante-em-Chefe das FALINTIL e Presidente do CRRN, Xanana Gusmão "resumem-se à frustação dos soldados indonésios e à incapacidade de Jakarta de pôr fim à guerra pela guerra".

Nos domínios político e diplomático, há a registar o actual pro-

cesso de diálogo já encetado entre Portugal e a Indonésia sob mediação do Secretário-Geral da ONU. Até ao presente, não há indicações sobre se os representantes do Povo de Timor-Leste serão ou não chamados a participarem nas conversações. Contudo, não há razão que justifique a sua ausência da mesa das conversações, já que na interpretação de "partes interessadas", constante da Resolução 37/30 da Asembleia Geral da ONU de 1982, o Povo de Timor-Leste, é, sem dúvida alguma, a parte mais interessada na busca de uma solução global para o conflito. Além disso, a FRETILIN tem vindo a reclamar a sua participação em qualquer processo negocial como parte beligerante a fim de negociar um novo acordo de cessar-fogo com a Indonésia e supervisionado pela Comunidade Internacional. Esta é a questão mais premente que urge solucionar. Uma vez obtido o cessar-fogo e restabelecida a Paz, cabe à Comunidade Internacional, Portugal e às Forças Políticas de Timor-Leste encontrarem os mecanismos que possibilitem ao Povo de Timor-Leste escolher através de consultas livres e democráticas, o seu próprio futuro. Entretanto, a Indonésia acaba de dar sinais de uma viragem qualitativa em relação a Timor-Leste.

O general Beni Murdani, em declarações a Agência Reuter, de 17 de Dezembro deste ano, parece ter abandonado a tese da guerra total contra a FRETILIN a favor de uma conquista das mentes e corações, estratégia de que era apologista o general Murtopo e a que Murdani sempre se revelou um intransigente opositor.

Recorda-se que Murdani é conhecido pela sua linha dura e militarista, quanto ao caso de Timor-Leste. A sua viragem é, sim, a mais clara e recente indicação do fracasso da via militar. Julgamos que é altura adequada para Portugal e a Comunidade Internacional se não abdicarem dos princípios internacionalmente consagrados e tudo fazerem para que o Povo de Timor-Leste possa concretizar a sua aspiração mais profunda de ser Livre, Independente e Soberano.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1984.-

Abílio Araújo
Chefe da DFSE